



SEÇÃO: ARTIGO

A “sociedade do desempenho” na perspectiva de Byung-Chul Han: sobre a possibilidade de uma aproximação com Immanuel Kant a partir das noções de “autonomia” e “liberdade”

The “performance society” in Byung-Chul Han’s perspective: about the possibility of approaching Immanuel Kant’s theory through the concepts of “autonomy” and “freedom”

Allyson Pereira de Almeida¹

orcid.org/0000-0002-3971-5084
allyson171196@gmail.com

Recebido em: 30 set. 2019.

Aprovado em: 5 out. 2021.

Publicado em: 21 jan. 2022.

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar a noção de “sociedade do desempenho” e as suas principais características na visão do pensamento do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Tendo por base o seu excesso de positividade, a “sociedade da transparência” acarreta inúmeros problemas destacados pelo autor. Aqui, trabalharemos com dois deles: o problema do excesso de positividade e o problema da pornografização. A partir deles, buscaremos também apresentar as soluções que lhes são propostas na perspectiva utilizada pelo autor. Tendo em vista o caráter coercitivo dos conceitos de “liberdade” e “autonomia”, apresentados por Han, procuraremos traçar um paralelo, a partir do seu aspecto dialógico, com o filósofo alemão Immanuel Kant a fim de podermos compreender melhor a sociedade atual na qual vive o indivíduo moderno, tendo por base as consequências oriundas do sistema capitalista neoliberal.

Palavras-chave: Capitalismo. Positividade. Coercitividade. Diálogo.

Abstract: The purpose of this article is to present the notion of “performance society” and its main characteristics in the reflections of the South Korean philosopher Byung-Chul Han. On the basis of its excess of positivity, the “society of transparency” brings with it numerous problems highlighted by the author. Here we will work with two of them: the problem of over-positivity and the problem of pornography. From them, we will also try to present the solutions proposed to them in the perspective used by the author. In the view of the coercive nature of the concepts of “freedom” and “autonomy” presented by Han, we will try to draw a parallel from the dialogical aspect with the German philosopher Immanuel Kant in order to better understand the current society in which lives the modern individual, based on the consequences of the neoliberal capitalist system.

Keywords: Capitalism. Positivity. Coercitivity. Dialogue.

Introdução

No mundo contemporâneo, o indivíduo que é marcado pela economia capitalista neoliberal possui consigo o “fetiche” da noção de liberdade. É um indivíduo que se acha liberto da dominação de todas as amarras. Um olhar mais atento ao próprio sistema e ao mundo em suas disposições,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campina Grande, PB, Brasil.

todavia, irá nos revelar o contrário. Perceberemos, com isso, que tudo pode ser um viés de alienação. A internet, por exemplo, é um instrumento globalizante de comunicação e de conhecimento. Em contrapartida, quando prende o sujeito e leva-o a uma submissão, acaba por controlá-lo. Este não consegue mais viver sem a internet. Outro exemplo são as redes sociais. Quer seja o WhatsApp, o Facebook, o Instagram ou qualquer outro aplicativo, tornará esse sujeito preso a um mundo marcado pelo "fetiche virtual". Com tudo isso, ele alcançará uma façanha inédita, a de ser senhor e escravo ao mesmo tempo.

Dentro desse contexto, marcado pela ausência de liberdade e autonomia do sujeito, desenvolve-se o pensamento do sul-coreano Byung-Chul Han. Nascido em 1959, na cidade de Seul, o autor é produtor de uma vasta bibliografia. Cabe a nós percebermos, dentro do seu pensamento, a sua análise para a sociedade atual descrita por ele como uma "sociedade do desempenho". Essa sociedade é marcada, conforme ele nos diz, pelo excesso de positividade e a ausência da negatividade, bem como por problemas que são oriundos a partir desse fator. Dentre os diversos problemas por ele apresentados, trabalharemos com dois deles: o problema do excesso da positividade e o problema da pornografização. A partir deles, buscaremos também apresentar as soluções que lhes são propostas a partir da argumentação utilizada por Han. Com isso, poderemos perceber a existência de uma característica comum entre eles. Tal característica consiste em uma fundamentação que nega a alteridade do indivíduo. Por fim, destaca-se que a positividade, descrita pelo autor como a vivência em uma sociedade marcada por uma ausência do "outro", leva-nos à vivência em um mundo do "igual".

O mundo atual pode, na perspectiva do filósofo sul-coreano, ser compreendido a partir de três grupos de palavras: disciplina, controle e crise. Todos os termos aqui empregados são manifestações presentes em um mundo que busca cotidianamente o exercício do poder. Quer seja

nos níveis governamental-político, educacional, financeiro ou até mesmo familiar, o uso excessivo do poder reduz a autonomia e produz a autoridade; reduz a liberdade e produz a alienação ou a coercitividade. O indivíduo cada vez mais perde a sua capacidade crítico-reflexiva e mergulha em um mundo que faz nele, como nos mostra o pensador, uma estranheza total. Este, por sua vez, não se reconhece mais pertencente à sociedade e gera consigo doenças que são destacadas pelo nosso autor. A depressão e a Síndrome de Bournout, apresentadas por Han, estão entre as principais doenças do século XXI.

A sociedade atual vive uma mudança de paradigma: essa é a tese apresentada pelo autor. Tendo por característica o seu aspecto dialógico, Han argumenta com diversos pensadores a fim de elaborar e defender o seu pensamento. Com o objetivo, proposto nesse trabalho, de traçar a possibilidade de uma relação dialógica existente entre ele e o pensador alemão Immanuel Kant (1724-1804), iniciamos a presente discussão destacando que as noções de "liberdade" e "autonomia", que são o alicerce da reflexão em torno da ética kantiana, serão os elementos que nos proporcionarão perceber uma relação com ele. Sendo assim, as argumentações propostas pelo pensador de Königsberg mapeiam a possibilidade de uma estreita ligação entre ambos os pensadores. O nosso propósito aqui consiste em expor os argumentos do pensador sul-coreano e fundamentar a sua noção de sociedade a partir da ausência dos conceitos presentes na reflexão proposta por Kant. Isso nos levará a perceber um "cansaço" do indivíduo contemporâneo que ainda possui consigo essas ideias que se encontram, porém, em crise no mundo moderno devido à marca da coercitividade.

1 O novo paradigma: a "sociedade do desempenho"

Como dissemos inicialmente, reiteramos aqui: vivemos em uma época marcada por um novo paradigma.³ Segundo o pensador sul-coreano, em

³ Segundo Han, a passagem para o novo "paradigma" se deu após a chamada Guerra Fria, um período de conflitos indiretos entre a

sua obra *Sociedade do Cansaço* (2010), ao fazer uma relação entre a sociedade e os sofrimentos psíquicos que a ela pertencem, é de perceber-se que "cada época possui suas enfermidades fundamentais".⁴ Essa análise comparativa é proposta inicialmente pelo autor com a finalidade de poder caracterizar as principais doenças oriundas pelo sistema capitalista neoliberal no mundo atual. Se, no século passado, o autor denomina a fase por "era imunológica",⁵ neste, o mesmo a apresenta por "era bacteriológica" que acarreta consigo o que ele entende por "violência neuronal". "Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI".⁶ A depressão, aqui destacada, é considerada por muitos como uma das principais doenças presentes na atualidade. De saída, o autor salienta a ausência de uma negatividade que, presente na era anterior, funcionava como um dispositivo imunológico. É importante considerar aqui que a relação mútua e comparativa entre os discursos sociais e biológicos é um fator característico para o modo como Han pensa e descreve o contorno do mundo contemporâneo. A violência, aqui apontada e agora presente internamente no sistema, caracteriza a sociedade como uma "sociedade do desempenho". Logo, a sociedade do século XXI gerou um excesso de positividade e uma ausência da negatividade, o que, por sua vez, levou à passagem de uma "sociedade disciplinar" – como descrevia Foucault – para uma "sociedade do desempenho", como analisa o nosso pensador. Passemos agora a uma análise de ambos os modelos sociais com

o objetivo de, pelo método dialético adotado por Han, entendermos os principais problemas e as principais características descritas por ele para a sociedade do século XXI.

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção. A partir de determinado ponto da produtividade, a técnica disciplinar ou o esquema negativo da proibição se choca rapidamente com seus limites. Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do poder, pois a partir de um determinado nível de produtividade, a negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento.⁷

Conforme Han, o mundo neoliberal capitalista está inserido em uma sociedade do desempenho. No início do segundo capítulo do livro que estamos abordando,⁸ o autor dialoga com Michel Foucault (1926-1984) a fim de mostrar que a sociedade descrita por ele, a "disciplinar", foi abandonada. É um diálogo comparativo que tem por objetivo apresentar as diferenças existentes entre os séculos XIX e XX e que foram suficientemente necessárias para essa mudança paradigmática. Em continuidade ao nosso trabalho, passemos agora à análise desses fatores histórico-sociais.

O modo como Foucault descreve a sociedade foi uma tentativa de dar uma resposta aos problemas sociais gerados pela Teoria Iluminista dos séculos XVII e XVIII que acarretou crises político-sociais. As noções de liberdade e autonomia, ambas pertencentes ao indivíduo pela faculdade racional,⁹ não estão mais presentes em uma sociedade marcada pela disciplina, que é apontada pelo autor como a principal causa

União Soviética e os Estados Unidos que vai desde o fim da IIª Guerra Mundial (1945) até a extinção da União Soviética (1991). O conceito aqui caracterizado também remete às ideias do pensador Thomas Kuhn. Empreendemos aqui o termo com o objetivo de indicar uma mudança no modo de pensar e conceber a sociedade.

⁴ Cf. HAN, 2010, p. 6.

⁵ A noção de imunologia indica uma defesa interna que o sistema criou para tudo o que advém do exterior. A ideia de defesa, segundo o autor, é a de poder afastar tudo o que é estranho sob uma perspectiva de estranhamento. O autor critica os diversos discursos atuais que são aparentes formas de imunologia. Na verdade, embora haja o fato dessa aparente defesa, isso não implica que a sociedade atual está em uma melhor situação do que a anterior, pois, segundo o pensador, "o fato de um paradigma ser erigido propriamente como objeto de reflexão, muitas vezes, é sinal de seu declínio" (2010, p. 8).

⁶ Cf. HAN, 2010, p. 8.

⁷ Cf. HAN, 2010, p. 15.

⁸ *Além da Sociedade Disciplinar*.

⁹ Essa tese é apontada e defendida, dentre os inúmeros pensadores iluministas, por Kant. As noções aqui expostas serão desenvolvidas melhor ao longo do trabalho. Por enquanto, percebemos a importância desses dois elementos como constitutivos do ser.

que levou a esse fracasso. Sendo assim, o fator "disciplina" acarreta a ausência de autonomia e de liberdade do sujeito. Segundo as abordagens do pensador francês, o conceito em questão consiste em uma forma específica do modo como uns exercem poder sobre outros.

A existência desse "poder disciplinar" leva-o a refletir sobre o seu modo de proceder e sobre os elementos que são necessários para que isso aconteça. De acordo com ele,¹⁰ três elementos são fundamentais: o primeiro seria uma vigilância de grau hierárquico que possui por objetivo fiscalizar e controlar os indivíduos; o segundo, o que ele denomina de "sanção normalizadora", que pune todo e qualquer desvio da regra e que objetiva propor padrões para normalizar todo e qualquer indivíduo; e o terceiro, o exame, um mecanismo que possui por finalidade estabelecer uma ligação entre o modo como se forma o saber e o modo como se exerce o poder. Os mecanismos aqui adotados se estendem a todo o corpo social. Porém, fazendo uma diferenciação com Han, aqui não se faz necessário recorrer ao uso da violência para estabelecer a disciplina, dado o modo como a sociedade funciona e a percepção da necessidade que o indivíduo possui em se adequar ao padrão. Como exemplo de um mecanismo disciplinar podemos citar, segundo Foucault, a polícia, que funciona como um grupo que disciplina a população. Sobre isso nos fala o pensador da "sociedade da disciplina":

Pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de 'quarentena' social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do 'panoptismo'. Não que a modalidade disciplinar do poder tenha substituído todas as outras; mas porque ela se infiltrou no meio das outras, desqualificando-as às vezes, mas servindo-lhes de intermediária, ligando-as entre si, prolongando-as, e principalmente permitindo conduzir os efeitos de poder até os elementos mais tênues e mais longínquos. Ela assegura uma distribuição infinitesimal das relações de poder.¹¹

Como podemos perceber, a disciplina vai se tornando, aos poucos, uma forma de direito (porque é feita para todos) e de dever (porque todos devem obedecê-la). Segundo o pensador francês, não importa qual seja o espaço (trabalho, escola ou até mesmo prisão) a disciplina ocorre sempre de forma operante. A fim de voltar essa característica também para o sistema econômico da época, o pensador francês irá utilizar-se dos argumentos de Karl Marx (1818-1883) e mostrar uma tese fundamental. Essa tese será utilizada pelo nosso autor em suas reflexões. Ela consiste na ideia de mostrar que até o sistema econômico capitalista da época já acontece dentro do regime de disciplina. Esse regime funciona como um mecanismo que visa o trabalho repetitivo e a produção. Caso viesse a ocorrer um ato de transgressão às leis impostas, segundo o pensador francês, um mecanismo de punição seria a "sanção normalizadora", um aspecto de vigilância que iria corrigir a falta da conformidade da ação realizada pelo indivíduo. Nos termos de Foucault, "a vigilância se torna um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar".¹² Tendo uma vez buscado caracterizar a sociedade da observância e vigilância às leis e tendo em vista a mudança de paradigma proposta pelo pensador sul-coreano, vejamos agora, com as suas palavras, como se deu essa passagem que ocorreu entre os séculos XIX e XX:

A sociedade disciplinar de Foucault, feita de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas, não é mais a sociedade de hoje. Em seu lugar, há muito tempo, entrou uma outra sociedade, a saber, uma sociedade de academias de fitness, prédios de escritórios, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios de genética. A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção.¹³

¹⁰ Cf. FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

¹¹ Cf. FOUCAULT, 2013, p. 204.

¹² Cf. FOUCAULT, 2013, p. 169.

¹³ Cf. HAN, 2010, p. 14.

No segundo capítulo da *Sociedade do Cansaço*, o nosso autor apresenta a mudança paradigmática a partir de um olhar retrógrado para o modo como o pensador francês descreveu e interpretou o desenvolvimento social de sua época. Como já destacamos aqui, esse modelo é insuficiente para explicar o mundo contemporâneo. Pela citação acima podemos compreender que, na vivência da "sociedade do desempenho", os indivíduos não se submetem mais às instituições disciplinares. Emergem, portanto, como "empresários de si mesmos",¹⁴ como sujeitos do desempenho e da produção. E aqui notamos outra distinção entre ambos os modelos sociais: se antes o indivíduo era condicionado por uma instância superior e exterior a ele, aqui emerge a subjetividade que se eleva a um nível particular de produção. Existe, com tudo isso, um estereótipo social cujo não enquadramento resulta no sujeito uma sensação depressiva de fracasso.¹⁵ Assim como em Foucault, o desejo da sociedade do desempenho é a maximização dos meios de produção, porém aqui, segundo Han, predomina a falsa noção de uma "liberdade coercitiva"¹⁶ que produz no sujeito uma "violência neuronal". Essa noção não estava presente na sociedade disciplinar porque lá o indivíduo sofria uma disciplina exterior que o forçava trabalhar. Aqui, porém, livre dessa coerção, o indivíduo submete-se ao trabalho exaustivo que ele força para si: "o sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo".¹⁷

A violência neuronal, aqui apresentada e causada de inúmeras doenças, possui sua origem no excesso da positividade. Além disso, é o fator gerador de uma sociedade entendida por noções gerais de superprodução, superdesempenho e a supercomunicação. Com isso, há a caracterização da perda da alteridade, um dos principais

problemas sociais do século XXI. Sendo assim, podemos dizer que ocorre uma massificação do positivo. Aqui, os sujeitos não são mais "sujeitos da obediência" e sim, sujeitos de si mesmos. Tudo é reduzido a trabalho. Essa caracterização é fundamental, pois o nosso autor destaca que "o sujeito do desempenho é mais rápido e produtivo do que o sujeito da obediência".¹⁸

Embora, nesse parâmetro social, como mencionamos anteriormente, vigore a noção de poder, este, por sua vez, não exclui o dever. Aqui, porém, o sentido que lhe é atribuído consiste no sentido produtivo, isto é, o dever que o indivíduo possui de produzir mais. É a partir desse ponto que o autor analisa e faz uma distinção fundamental para a nossa compreensão, a saber, a distinção entre a vida ativa e a vida contemplativa. Vamos buscar compreender as teses fundamentais dessa diferenciação tendo em mente o caráter dialógico do autor. Para início de discurso, tenhamos por base a reflexão abaixo, que nos oferecerá uma visão geral que possibilitará fazer uma distinção entre ambos os modelos adotados para a vida, bem como reflexões sobre eles.

Hoje vivemos em uma sociedade marcada pelo seu ativismo. Diariamente, transitamos em todas as direções, fazemos diversas coisas (muitas delas ao mesmo tempo), projetamos diversas ideias e inovamos as coisas cotidianamente. Muitos até professam que "tempo é dinheiro!". A rapidez com que as notícias são divulgadas a nível global, o avanço da ciência e das tecnologias; enfim, tudo isso representa o dinamismo de um fluxo constante. É importante salientar, aqui, que nem todo esse reflexo da rapidez é um problema, porém, a falta de equilíbrio é uma das causas que leva ao adoecimento e às doenças apontadas pelo pensador sul-coreano. É tomando essas ideias como base que Han argumenta a favor de uma vida contemplativa. Para apresentar sua crítica

¹⁴ Cf. HAN, 2010, p. 14.

¹⁵ É importante aqui perceber essa noção de "fracasso" porque é a partir dela que surgirão as enfermidades presentes no século XX e descritas por Han. A noção de fracasso está, portanto, diretamente ligada ao não enquadramento com os parâmetros sociais, o que leva o indivíduo a se sentir menor. É comum, por exemplo, percebermos a ocorrência da depressão em pessoas que são excluídas socialmente, o que gera, em seu interior, uma noção de não pertencimento ao meio social em que vive. Portanto, tenhamos em mente a noção aqui destacada pelo autor para podermos compreender como o indivíduo se entende no mundo atual.

¹⁶ Cf. HAN, 2010, p. 16.

¹⁷ Cf. HAN, 2010, p. 16.

¹⁸ Cf. HAN, 2010, p. 15.

ao ativismo do mundo contemporâneo, o mesmo utiliza-se de diálogos com Hannah Arendt (1906-1975), Nietzsche (1844-1900) e Walter Benjamin (1892-1940).

Segundo Han, o indivíduo contemporâneo, devido às suas características, tende a se ocupar de diversas coisas simultaneamente no decorrer do dia. Para melhor compreender essa tese, o autor faz uma análise comparativa entre a vida humana e a vida selvagem, procurando mostrar que, cada vez mais, o homem tem se aproximado desse "estilo de vida."¹⁹ Tendo por característica o excesso da positividade, o nosso pensador irá mencionar, no terceiro capítulo de sua obra²⁰ aqui abordada, qual é o mecanismo essencial que vai de encontro a uma vida contemplativa e que, por não estar atuante no mundo, distancia os homens desse modelo. O problema reside no fato de haver na sociedade atual uma hiperatenção: "essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos".²¹ Se, por um lado, existe essa atenção "multifocal", por outro existe um sentimento ao qual o autor o resignificará e o apresentará como o mecanismo substancial para a vida contemplativa: o "tédio". Segundo o sul-coreano, é o tédio profundo que irá permitir a contemplação, o surgimento do descanso.

A noção de "tédio", aqui, implica em uma capacidade do indivíduo de perceber que não consegue exercer todas as funções ao mesmo tempo. O tédio seria, na visão de Han que toma por base Benjamin, "um pano cinza quente, forrado por dentro com o mais incandescente e o mais colorido revestimento de seda que já existiu".²²

Entretanto, vale salientar que esse mecanismo fundamental está desaparecendo no mundo contemporâneo. Podemos dizer, na visão do pensador sul-coreano, que a modernidade caminha para um "passivismo mortal" que acarreta a ausência do caráter contemplativo da vida. Para melhor compreendermos as ideias aqui expostas, tomemos por base a relação argumentativo-dialógica com Hannah Arendt.

Em diálogo com a pensadora,²³ Han observa que a sociedade contemporânea, caracterizada como uma "sociedade do trabalho" estaria, na verdade, acabando com toda a possibilidade de agir, dada a sua noção de "liberdade coercitiva". Ela aponta para um reducionismo, que se encerra na noção do homem como um *animal laborans*, isto é, um "animal trabalhador". Segundo ela, todas as formas de ação recairiam de uma forma ou de outra no trabalho. E aqui inicia a crítica apontada pelo pensador sul-coreano a essa visão reducionista. O nosso autor constata que o "sujeito do trabalho" apontado pela autora não abandona, no mundo atual, sua individualidade e seu ego ao se submeter ao trabalho. Segundo Han, trata-se de um ego hiperativo e hiperneurótico. Logo, não pode haver um reducionismo ao trabalho porque existem outros fatores que ainda se sobressaem. É após esse diálogo que o nosso autor elabora a sua crítica ao pensamento de Arendt:

As descrições do *animal laborans* moderno de Arendt não correspondem às observações que podemos fazer na sociedade de desempenho de hoje. O animal laborans pós-moderno não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. A sociedade laboral

¹⁹ "Um animal ocupado no exercício da mastigação de sua comida tem de ocupar-se ao mesmo tempo também com outras atividades. Deve cuidar para que, ao comer, ele próprio não acabe comido. Ao mesmo tempo tem de vigiar sua prote e manter o olho em seu (sua) parceiro (a). Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo – nem no comer nem no copular. [...] As mais recentes evoluções sociais e a mudança de estrutura da atenção aproximam cada vez mais a sociedade humana da vida selvagem" (HAN, 2010, p. 18). Essa passagem nos ajuda a compreender o porquê, segundo Han, da falta de uma vida contemplativa no indivíduo: devido ao seu plurifuncionalismo.

²⁰ *O tédio profundo*.

²¹ Cf. HAN, 2010, p. 19.

²² Cf. HAN, 2010, p. 19.

²³ É importante destacarmos aqui o trecho aonde Han aborda um pouco a visão de Hannah Arendt acerca de como ela compreendia o homem em sua época, dado que é a partir desta ideia que o pensador sul-coreano irá mostrar uma nova visão da sociedade atual. "Segundo Arendt, a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* – um animal trabalhador. O agir ocasiona ativamente novos processos. O homem moderno, ao contrário, estaria passivamente exposto ao processo anônimo da vida. Também o pensamento degeneraria em cálculo como função cerebral. Todas as formas de *vita activa*, tanto o produzir quanto o agir, decaem ao patamar do trabalho. Assim, Arendt vê a Modernidade, que começou inicialmente com uma ativação heroica inaudita de todas as capacidades humanas, findar numa passividade mortal" (HAN, 2010, p. 22-23).

individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O animal laborans pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos ser passivo.²⁴

A crítica de Han, como se pode perceber na argumentação, parte da sua tese de que o homem na sociedade Moderna é ativo e provido de ego. Cabe-nos aqui perguntar então: por que as atividades humanas da contemporaneidade desencadeiam uma agitação tão intensa no homem a ponto de não poder enxergar a importância da vida contemplativa? A resposta a essa questão consiste em um desprovemento ocasionado pela ausência da fé em Deus e em um mundo transcendente, bem como a descrença na própria realidade. "A perda moderna da fé, que não diz respeito apenas a Deus e ao além, mas à própria realidade, torna a vida humana radicalmente transitória. Jamais foi tão transitória como hoje".²⁵ Com isso, gerou-se a "era da transitoriedade", isto é, o princípio de que tudo se torna passageiro. O autor sugere que o mundo vive uma desnarratização, o que reforça a sua noção de "passageiro". Para buscar uma reflexão para esse problema Han recorre então a Agamben e, em diálogo, mostra que a vida na contemporaneidade é mais desnuda do que a vida do próprio *Homo Sacer*,²⁶ dado que até ele pode ser morto. "Segundo Agamben, o *Homo Sacer* representa uma vida absolutamente passível de ser morta".²⁷ Entendamos aqui o sentido da expressão como o homem sagrado, isto é, o indivíduo que embora tenha praticado algum delito não pode ser julgado como um transgressor ordinário. Esse ponto de partida é tomado a fim de mostrar que todo e qualquer indivíduo se encontra nesta condição desnuda da vida: "se a sociedade pós-moderna do desempenho reduza todos nós como vida desnuda, então não apenas as pessoas que estão à margem da sociedade ou

as pessoas em situações excepcionais, portanto não apenas os excluídos, mas todos nós, indistintamente, somos *homines sacri*."²⁸ Logo, o homem moderno ameaça a si mesmo cada vez mais.

Vivendo em uma sociedade marcada pela coerção, cada indivíduo carrega consigo o seu campo de trabalho. Aqui destacamos, assim como a liberdade, uma autonomia marcada pela sua aparente forma de apresentação. O indivíduo ameaça cada dia mais a si mesmo. A marca do trabalho na atualidade, por exemplo, é a que somos, ao mesmo tempo, senhores e escravos, vítimas e agressores de nós mesmos. Trabalhamos cada dia mais e sem descanso ou momentos de lazer. A sociedade capitalista coloca no indivíduo um sentido de possuir cada vez mais. O consumismo desenfreado leva o homem a perder valores que davam para ele um retorno contemplativo. E o fundo que desencadeia tudo isso é, segundo Han, a absolutização da vida ativa e a perda da capacidade contemplativa.

Elucidamos aqui agora dois problemas oriundos dessa "sociedade do cansaço" aos quais, após uma breve exposição e compreensão do mundo em que vivemos na perspectiva de Han, passaremos a refletir. São eles: o problema do excesso da positividade e o problema da pornografização. A partir deles, buscaremos também apresentar as soluções que lhes são propostas a partir da argumentação utilizada pelo autor.

2 Problemas oriundos da "sociedade do desempenho" na perspectiva de Han

2.1 O problema do excesso de positividade

Publicado inicialmente em 2012, o livro *Sociedade da Transparência* nos oferece uma melhor análise acerca desse problema. Tendo por base o surgimento da "sociedade do desempenho", a questão aqui levantada e os problemas que

²⁴ Cf. HAN, 2010, p. 23.

²⁵ Cf. HAN, 2010, p. 23.

²⁶ "Mais desnuda que a vida do *Homo Sacer* é a vida hoje. *Homo Sacer* é originalmente alguém que foi excluído da sociedade em virtude de um delito. Ele pode ser morto, sem que o autor seja penalizado por isso". (HAN, 2010, p. 24). Essa relação comparativa é fundamental, porque é a partir dela que o autor irá explicar a causa de alguns problemas da contemporaneidade bem como a causa da ausência da vida em seu aspecto contemplativo.

²⁷ Cf. HAN, 2010, p. 24.

²⁸ Cf. HAN, 2010, p. 24.

lhes são oriundos e destacados pelo autor, podemos dizer então que o século XXI tem por característica principal um excesso da transparência. Tudo é exposto. Para constatar essa tese, basta pegarmos jornais, revistas, *internet* ou até mesmo aplicativos populares. "Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma sociedade positiva".²⁹ Segundo Han, a transparência aparece quando desaparece a negatividade. Tal fator, que se origina na atualidade em todos os setores sociais, é causa de uma profunda modificação. Uma vez tendo caracterizado ambos os termos, podemos dizer que aqui eles podem ser considerados como sinônimos dada a sua proximidade em um mundo cada vez mais marcado pelo desejo de eliminar todas as diferenças e a alteridade. Com isso, resta-nos uma pergunta: e qual é a causa dessa eliminação? A resposta é simples: a globalização, o sistema em predomínio na atualidade que exige a superação de diferenças e a busca de uma igualdade, pois, quanto mais predominar o igual mais veloz ocorrerá a circulação do capital, das mercadorias e da informação. Hoje, vemos que a globalização do neoliberalismo acaba submetendo grande parte dos indivíduos a uma noção de "coação por transparência". Não é de se negar que os avanços tecnológicos muito têm favorecido a vida humana, porém, se por um lado avança na positividade acelerando os processos, por outro retarda a negatividade fazendo-a quase não existir. O que parece, muitas vezes, é que o valor econômico é colocado como superior ao próprio indivíduo:

A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. A transparência estabiliza e acelera o sistema, eliminando o outro ou o estranho. Essa coação sistêmica transforma a sociedade da transparência em sociedade uniformizada. Nisso reside seu traço totalitário, em uma "nova palavra para dizer uniformização: transparência".³⁰

Tendo uma vez sido caracterizada pela ausência da alteridade, a transparência é o fator gerador de um processo de "violência" no mundo contemporâneo. A essa "coerção", o autor nos fala que "falta precisamente esse 'tato de finura', que nada mais é do que o tato do respeito pela alteridade que não pode e não deve ser eliminada completamente".³¹ E um pouco mais à frente nos adverte que "a coerção por transparência estabiliza o sistema existente de maneira bastante efetiva. Em si a transparência é positiva".³² As coisas, as pessoas; enfim, há uma generalização que julga o todo pelo seu valor expositivo, isto é, pela sua capacidade de tornar-se visível.³³ Aqui desaparece todo e qualquer valor oculto. E é de se perceber justamente isso no mundo atual. A cultura moderna, com o predomínio das redes sociais, leva a uma ausência do "outro" e o predomínio do "igual". E é por isso que o autor afirma que "a sociedade da transparência é um abismo infernal do igual".³⁴

A partir desta definição, Han irá mostrar que as pessoas, no mundo contemporâneo, constituem suas relações pela positividade dos fatos, seguindo uma mesma ordenação do conjunto do corpo social. A busca por uma padronização, porém, tem por base a perda da identidade e da singularidade subjetiva. Com isso, não existe mais o "estranhamento" sobre o outro, dado

²⁹ Cf. HAN, 2012, p. 9.

³⁰ Cf. HAN, 2012, p. 10.

³¹ Cf. HAN, 2012, p. 11.

³² Cf. HAN, 2012, p. 11.

³³ Esse tema é bastante destacado no mundo contemporâneo. Se pegarmos, por exemplo, o Instagram veremos como é clara a exposição. As pessoas se utilizam dele como instrumento para divulgarem produtos e mercadorias. Muitas vezes, o seu próprio corpo é o instrumento necessário para as divulgações. Por isso destacamos inicialmente o mundo das academias *fitness* porque o corpo, aqui, possui um valor de fundamental importância para o sistema econômico. Também destacamos o crescimento notório das indústrias estéticas do mundo contemporâneo. É necessário "estar bonito" e ter o "corpo bonito" porque ambos são fundamentais para a economia. É por isso que o autor nos adverte: "Na era do Facebook e do photoshop, o 'semblante humano' se transformou em face, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A face é o rosto exposto sem qualquer 'áurea da visão'" (HAN, 2012, p. 19).

³⁴ Cf. HAN, 2012, p. 9-10.

que não há mais uma distância entre o "eu" e "ele". Por conta disso, podemos perceber que na "sociedade da positividade" as particularidades não importam mais. A cultura em que vivemos, portanto, condiciona todos os indivíduos para que as atividades sejam direcionadas ao valor de mercado. A cultura vira, por assim dizer, uma espécie de mercadoria padronizada a ser consumida.³⁵ Por isso, o autor destaca que os valores do indivíduo contemporâneo estão ligados à velocidade de troca e consumo de informações. "É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo. A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser".³⁶

O consumismo desenfreado frente à sociedade da exposição é, sem dúvida, cada vez mais crescente. O sistema neoliberal utiliza de "fetiches" que condicionam e colocam na mente dos indivíduos o anseio pelo ter. O indivíduo, com isso, perde a sua autonomia e passa a seguir apenas uma "coerção" que lhe é externa. O problema é que tudo isso é flexível e, dentro de poucos instantes, o sujeito novamente é conduzido a uma nova "modalidade". Na sociedade em que vivemos as pessoas não sabem mais esperar. Queremos que as coisas aconteçam de modo instantâneo. Devido a isso, a "sociedade da transparência" tende a rejeitar tudo o que possa vir-a-ser oposto aos seus ideais com a finalidade de expurgar o que for intruso.

Como uma solução para o problema da ausência de alteridade e do excesso de positividade oriundos da "sociedade da transparência", o autor nos propõe e reflete acerca da importância do conceito de "cansaço", atribuindo a ele um novo significado: "o cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário, que atua individualizando e isolando".³⁷ Tal conceito aqui não é mero sinônimo de esgotamento. Ao contrário, é entendido por Han como uma capacidade

especial que inspira o espírito humano. Seria, portanto, um cansaço de potência negativa que levaria o indivíduo a uma reflexão racional e que o colocaria na posição de "ir contra os fetiches" que são lançados pela sociedade capitalista. Esse pensamento norteia a conclusão da *Sociedade do Cansaço*. Nós utilizamos aqui esse argumento na tentativa de propor uma reflexão, como faz o nosso autor, para o indivíduo da "sociedade da exposição". Uma vez cansado dos parâmetros sociais, o sujeito tende a buscar a negatividade que está oculta. Faz então um movimento de retorno ao "negativo" devido a não conformação com os parâmetros estruturantes da sociedade contemporânea. É o indivíduo que, tendo em mente as consequências da positividade, não opta por este "modelo de vida". Vejamos agora em continuidade o problema da pornografia e, sob o mesmo esquema e tomando por base os argumentos utilizados por Han, vejamos qual é a solução proposta por ele.

2.2 O problema da pornografia

Analisamos anteriormente o problema oriundo pelo excesso da positividade. Podemos dizer que a questão à qual iremos expor aqui brevemente os argumentos ocorre devido a um "excesso de positividade". Vale salientar aqui que os termos "transparência" e "positividade" aparecem cada vez mais fortes no mundo contemporâneo com o objetivo de suprimir da sociedade as diferenças existentes e a alteridade. Então, destacamos aqui inicialmente a crítica do autor que seguirá no objetivo de mostrar, no indivíduo, a sua vivência cada vez mais em uma sociedade determinada pelo desejo de uma "beleza superficial". Lembremos que em Han, muitas vezes, uma ideia é resinificada e atribuída a ela um novo sentido. E é o que ele faz justamente com a noção de "pornografização". Tal problema aparece em suas duas obras, na *Sociedade da Transparência* e na *Agonia do Eros*, ambas publicadas em 2012.

³⁵ "O valor expositivo constitui a essência do perfeito capitalismo e não pode ser reduzido à contraposição marxiana entre valor de uso e valor de troca. Não é um valor de uso porque está afastado da esfera do uso; tampouco é um valor de troca porque não reflete qualquer força de trabalho. Deve-se unicamente à produção do chamar a atenção" (HAN, 2012, p. 18).

³⁶ Cf. HAN, 2012, p. 16.

³⁷ Cf. HAN, 2010, p. 38.

Logo no início do segundo capítulo da *Sociedade da Transparência*,³⁸ o autor recorre ao seu método dialógico e o utiliza com Walter Benjamin no objetivo de mostrar a perda da noção de uma "aura"³⁹ na arte, o que, segundo ele, desaparece por completo na sociedade contemporânea marcada por uma supervalorização dos objetos a partir da sua exposição: "segundo Walter Benjamin, para as coisas que estão a serviço do culto é mais importante que existam do que sejam vistas. Seu 'valor cultural' deve-se à sua existência, e não à sua exposição".⁴⁰ O nosso autor utiliza-se desse argumento para apresentar a sua tese: as pessoas, as coisas, enfim, tudo no mundo contemporâneo possui o seu valor através da sua exposição.

Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultural desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. A coação por exposição, que coloca tudo à mercê da visibilidade, faz desaparecer a aura enquanto "manifestação de uma distância".⁴¹

A cultura moderna, aponta Han, com o predomínio das redes sociais, tende a substituir o rosto humano pela face. Esta, sendo plana e rasa, irá denotar a ausência de uma "aura" e o predomínio do igual.⁴² No mundo atual, cada indivíduo sustenta a noção de "exposição da própria imagem" o que leva, segundo o sul-coreano, a confundir as noções de beleza e prazer. Esse processo contribui para a eliminação das diferenças e da distância. O declínio do "Eros",⁴³ segundo o autor,

é o fator que dá lugar à pornografia. Sendo essa uma sociedade onde "tudo está voltado para fora, desvelado, despido, desnudo, exposto",⁴⁴ o excesso dessa exposição tem por objetivo transformar tudo em mercadoria, colocando assim os indivíduos frente a uma "coação expositiva" através da qual o próprio corpo é exposto com esse objetivo. Daí o emprego e o sentido, atribuídos pelo autor, ao termo "pornografia". A exposição do físico leva, conforme o nosso pensador, à sua própria aniquilação, dado que aqui ele se torna um mero objeto de transparência. É por esse valor que o indivíduo é levado a uma "beleza do fitness".

Na nossa atualidade encontramos as academias repletas de pessoas que buscam a beleza para o corpo. O crescimento das indústrias estéticas, a busca por cirurgias corporais, o uso de suplementos, de anabolizantes, enfim, tudo isso demonstra uma crescente valorização pelo exterior e uma ausência de uma valorização do interior. Nas redes sociais, por exemplo, encontramos cotidianamente pessoas que expõem o seu corpo como forma de divulgar mercadorias. A noção de um verdadeiro amor agora foi totalmente substituída pelo mero "prazer da visibilidade". A ideia de "pornô", para o pensador sul-coreano, exclui toda e qualquer ideia de "eros". Essa exposição não causa apenas uma alienação do prazer sexual; o torna impossível: "nesse sentido, os paradigmas atuais não transmitem qualquer valor interior, mas medidas exteriores [...]. O imperativo expositivo leva a uma absolutização do visível e do exterior. O invisível não existe, pois não possui

³⁸ *Sociedade da exposição*.

³⁹ A aura se refere a um conjunto de características que determinam algo, nesse caso, a sociedade no mundo contemporâneo. Ao sugerir o seu desaparecimento, Han mostra a ausência de uma característica que identifique o homem moderno. Em um termo nietzschiano, dado o seu caráter dialógico, poderíamos aqui empregar a noção de "nihilismo", isto é, uma ausência de valores que caracterizam algo.

⁴⁰ Cf. HAN, 2012, p. 18.

⁴¹ Cf. HAN, 2012, p. 18.

⁴² Ao relacionar os termos "alteridade", "outro", "igual" para fazer a sua crítica Han recorre a Levinas em seu caráter dialógico. Podemos ver como ele mesmo faz a sua análise crítica: "A face é o rosto exposto sem qualquer 'àurea da visão". É a forma de mercadoria do "semblante humano". A face como superfície é mais transparente do que aquele rosto ou semblante que representa para Emmanuel Levinas o lugar excepcional no qual irrompe a transcendência do outro. A transparência é uma contra-figura da transcendência, e a face habita a imanência do igual" (HAN, 2012, p. 19).

⁴³ Ao relacionar os termos "Eros" e "pornografia", o nosso autor nos diz que "a pornografia serve ao mero viver exposto. É o exato contraposto de 'Eros'. Ela aniquila a sexualidade" (HAN, 2012, p. 27). Logo, existe aqui um antagonismo entre eles. A sociedade da exposição perde, segundo Han, a verdadeira noção do amor que se constitui a partir de laços, da harmonia e tende a ir para o prazer, pelo mero momento. É a sociedade da exposição que leva a causa de problemas que se originam a partir da exposição do corpo, que funciona como um instrumento para um sistema capitalista que em tudo visa obter o lucro e que tem por tese a noção de que tudo é mercadoria.

⁴⁴ Cf. HAN, 2012, p. 20.

valor expositivo algum, não chama a atenção".⁴⁵ Devido a essa característica, o autor denomina a sociedade atual de "sociedade pornográfica".

Como uma breve solução para esse grande problema na sociedade contemporânea, o autor dialoga com Nietzsche. Contra esse "olhar intruso", contra a generalização do visível, o pensador alemão defende a aparência, a máscara, o mistério, o enigma: "tudo o que é profundo ama a máscara; as coisas mais profundas inclusive guardam ódio da imagem e da comparação [...]. Todo espírito profundo precisa de uma máscara; mais ainda, em torno de todo espírito profundo cresce constantemente uma máscara [...]".⁴⁶ A partir dessa afirmação, podemos perceber que a valorização do interior, do oculto, surge protegido por uma máscara que o defende dessa noção de visibilidade. Segundo Han, essa máscara é fundamental por poder preservar o "outro" contra essa noção do "igual" que nega toda e qualquer alteridade. Aqui haveria uma maior liberdade para uma sociedade onde a liberdade acontece apenas de forma coercitiva: "a hermética do mistério não é algo diabólico que deva ser afastado a qualquer custo em nome da transparência. É uma simbologia, uma técnica cultural específica que gera profundidade, mesmo em sua aparência".⁴⁷ O que pretende nos falar o autor é que devemos valorizar mais o nosso interior do que meramente o superficial. É um retorno a si que permite a possibilidade da existência do outro. É assim também que podemos minimizar, segundo ele, os efeitos pejorativos que têm causado a "sociedade da exposição", que possui como característica o excesso pornográfico praticado pelos indivíduos do mundo contemporâneo.

3 O diálogo com Kant a partir das noções de "liberdade" e "autonomia" do sujeito

Tendo uma vez descrito e caracterizado a "sociedade disciplinar" apresentada por Han, bem como os principais problemas que lhes são atribuídos, passaremos agora à última parte do nosso trabalho, que consiste na tentativa de fazer uma ligação entre ele e o pensador alemão Immanuel Kant, tendo em vista o caráter dialógico utilizado pelo autor. O nosso propósito emerge em apresentar dois dos conceitos fundamentais para o discurso moral-social do pensador alemão e que, conforme Han, se fazem presentes sob forma de "fetiche" na sociedade atual. Ao apresentá-los, e a tom conclusivo para o nosso trabalho, mostraremos também que as noções de "liberdade" e de "autonomia" são elementos que podem proporcionar uma amenização ou um "outro olhar" para a sociedade atual que enfrenta inúmeros problemas como aponta o sul-coreano, dentre os quais foram aqui citados e refletidos dois deles.

Kant desenvolveu o seu discurso ético com o objetivo de fundamentar a prática moral do indivíduo não na experiência, e sim a partir de um princípio formal e universalizável, isto é, uma lei apriorística pertencente à racionalidade humana. Dizemos, com isso, que o autor busca responder a um questionamento: "como devo agir?". Relacionadas a esse objetivo estão as noções de "liberdade" e "autonomia da vontade", que possuem em si a negação a qualquer inclinação⁴⁸ ou submissão. Essa "liberdade da vontade", estando vinculada ao dever, resultará nos chamados "imperativos categóricos"⁴⁹ estabelecidos pelo pensador alemão, de modo que é a condição necessária para uma ação livre e autônoma do indivíduo. Portanto, aqui, o sujeito age de acordo com um princípio que,

⁴⁵ Cf. HAN, 2012, p. 21.

⁴⁶ Cf. NIETZSCHE apud HAN 2012, p. 27.

⁴⁷ Cf. HAN, 2013, p. 28.

⁴⁸ Por inclinação, Kant compreende "a dependência em que a faculdade de desejar está em face das sensações" (GMS, BA 38: 49), isto é, uma ação guiada por algum elemento não racional. Devido a sua incapacidade de tornar-se lei universal não se pode estabelecer como princípio moral. Ao fazer a distinção entre os Imperativos (hipotéticos e categóricos), neste primeiro o autor irá colocar o reino das inclinações, a fim de poder eliminá-lo de todo e qualquer princípio moral racional.

⁴⁹ Os imperativos categóricos consistem na máxima expressão da razão, ou seja, em si mesma. Portanto, são leis universais e práticas para o ser racional. Aqui, segundo Kant, a razão se manifesta livre de todas as inclinações. Assim, segundo o autor alemão, "o imperativo categórico seria aquele que nos representasse uma ação como objetivamente necessária por si mesma, sem relação com qualquer outra finalidade" (GMS, BA 39: 50).

uma vez comum a todos os seres racionais, dita as normas para a ação. Logo, para fundamentar o seu discurso moral, o autor recorre a um elemento comum a todos os indivíduos e que expressa uma ação decorrente de um dever. Encontra, com isso, a ideia de "boa vontade":

A boa vontade não é boa por aquilo que promove ou realiza, pela aptidão para alcançar qualquer finalidade proposta, mas tão-somente pelo querer, isto é em si mesma, e, considerada em si mesma, deve ser avaliada em grau muito mais alto do que tudo o que por seu intermédio possa ser alcançado em proveito de qualquer inclinação, ou mesmo, se se quiser, da soma de todas as inclinações.⁵⁰

A noção de "boa vontade" representa, segundo o pensador de Königsberg, a máxima expressão do agir pelo dever e livre de toda inclinação sensível. Segundo ele, "essa vontade não será na verdade o único bem nem o bem total, mas terá de ser contudo o bem supremo e a condição de tudo o mais".⁵¹ A razão contém em si essa noção. Portanto, será a partir dessa consideração que o autor irá deduzir e apresentar os "imperativos categóricos". Uma vez que a base para toda a prática moral consiste em uma ação racional pura fundamentada em uma lei *a priori*,⁵² encontrará Kant nos imperativos essa máxima expressão: "o imperativo categórico é portanto só um único, que é este: Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal".⁵³ Sendo assim, podemos perceber que o discurso moral kantiano corresponde a um compromisso racional, ou seja, o de seguir o próprio preceito ético fundamental que consiste na consonância do agir conforme o imperativo pelo fato de exprimir um dever, uma obrigação.

A vontade autônoma que se expressa em uma

ação realizada por dever caracteriza o respeito⁵⁴ para o indivíduo. Quando Kant apresenta as diversas formas de reformulação do imperativo a sua terceira, em destaque, refere-se à natureza do ser racional. Quando o autor afirma: "age de tal maneira que nunca uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio",⁵⁵ ressalva valores que são fundamentais ao sujeito racional: sua igualdade, sua dignidade e o respeito ao outro. É a partir dessas noções que podemos aqui traçar um paralelo entre o pensador alemão e o sul-coreano. Essa tentativa restringe-se às leituras de ambos os pensadores e aos conceitos por eles elaborados. Destacamos aqui que, embora vivam em contextos sócio-políticos distintos, conceitualmente, podemos perceber uma linha reta entre os mesmos que se dá a partir da análise crítico-social por eles elaborada. Se por um lado o pensador de Königsberg tece uma crítica ao regime monárquico-absolutista da Europa no século XVII, por outro Han critica, sob o mesmo aspecto, a sociedade por ele descrita como "sociedade do desempenho". Os conceitos aqui abordados referem-se particularmente à necessidade existente de uma liberdade e autonomia para o indivíduo, a fim de que estejam livres de todas as "amarras da minoridade"⁵⁶ como nos afirma Kant, ou de toda a coercitividade, conforme o nosso pensador.

Lembremos que inicialmente destacamos aqui a noção de "sociedade do desempenho" na perspectiva de Han. Uma das principais características como mostramos, se encerra no fato de uma "liberdade coercitiva".⁵⁷ Aqui em Kant a liberdade

⁵⁰ Cf. KANT, GMS, BA 3: 23.

⁵¹ Cf. KANT, GMS, BA 7: 25-26.

⁵² "Teremos, pois que buscar totalmente *a priori* a possibilidade de um imperativo categórico, uma vez que aqui não assiste a vantagem de sua realidade nos ser dada na experiência, de modo que não seria precisa a possibilidade para o estabelecermos, mas somente para o explicarmos" (KANT, GMS, BA 49: 57).

⁵³ Cf. KANT, GMS, BA 52: 59.

⁵⁴ É importante, aqui, destacar o valor do respeito atribuído pelo pensador alemão. Em sua *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, o autor propõe uma reflexão acerca dos sentimentos e destaca todos os outros podem ser produzidos pelas inclinações, exceto esse. É o respeito à lei moral que faz a ação do indivíduo acontecer em sua concordância. "Esse sentimento (sob o nome de sentimento moral) é, pois, produzido simplesmente pela razão. Não serve para julgar as ações ou mesmo para fundar a própria lei moral objetiva, mas serve unicamente de motivo para dela em si fazer a sua máxima" (KANT, KpV, Ak 135: 92).

⁵⁵ Cf. KANT, GMS, BA 66-67: 69.

⁵⁶ Termo empregado por Kant em seu opúsculo, *Resposta ao que é o esclarecimento*.

⁵⁷ A falsa noção de liberdade no indivíduo está ligada a uma autoexploração de si mesmo. O indivíduo da "sociedade do desempe-

consiste em agir segundo leis que são comuns a todos os indivíduos de natureza racional. Essa ação por dever coloca todos os seres sob uma noção de igualdade que é reafirmada no modo como é apresentado o imperativo categórico. Com o uso da expressão "age", subentende-se consigo a proposta de uma lei que se destina a todos os indivíduos por igual forma. Na "sociedade disciplinar", ocasionada pelo excesso da positividade, o indivíduo tem em si a falsa noção de uma "liberdade" que, acontecendo em seu aspecto coercitivo, nega a igualdade entre os homens e os coloca sob um "panóptico digital" – em termos do sul-coreano – que comanda a todos. Se em Kant o princípio racional deve ser livre de todas as inclinações a fim de que se manifeste na sua forma pura de ser, no mundo atual o indivíduo é guiado pelo excesso de "inclinações" que se manifestam nas redes sociais, na Internet e que parecem, com isso, ocultar o seu aspecto racional. Em seu sentido verdadeiro, a liberdade está ligada com a negatividade como nos apresentou o pensador sul-coreano. Segundo ele, a sociedade atual possui "sempre uma liberdade da coação que provém do outro imunológico. Onde a negatividade cede lugar ao excesso de positividade, desaparece também a ênfase da liberdade, que surge dialeticamente à negação da negação".⁵⁸

O indivíduo do mundo moderno, conforme apresentamos, tende a valorizar o ativismo da vida. Han se posicionou de forma argumentativa sendo a favor de uma vida contemplativa. Em Kant, traçando um possível diálogo, poderíamos dizer que esse aspecto estaria ligado à capacidade racional do indivíduo que sendo diferente de todos os seres pode parar, pensar e buscar o melhor para si. Em seu opúsculo *Resposta ao que é o esclarecimento*, o autor utiliza-se dos termos "maioridade" e "minoridade" com vista a atribuir no indivíduo a capacidade de sair de um estágio

de vida passivo e não objetivo e buscar, através da razão, um estágio de "maioridade", onde aqui haveria a liberdade. Na vida ativa descrita por Han, impera o aspecto coercitivo gerado pela economia neoliberal capitalista. A sua crítica busca com isso levar os indivíduos a um outro nível. Fazendo uma analogia com Kant, a maioridade estaria aqui presente. O indivíduo moderno não é um mero homem trabalhador. É, antes de tudo, uma pessoa com seus sentimentos e seus aspectos humanos e comuns a todos os outros que parecem ser encobertos por causa do fator determinante oriundo da economia moderna. Se antes o indivíduo possuía valores importantes como o diálogo, a relação de proximidade, a amizade, agora, através desse modelo, foram perdidos e transformados em um consumismo desenfreado. Aqui, todas as atividades humanas passam agora a visar o lucro. O mercado do capital impera em todos os setores do mundo moderno: essa é a tese apontada pelo pensador sul-coreano, que busca analisar e descrever a sociedade atual a partir do neoliberalismo capitalista moderno. Com isso, a reflexão kantiana em diálogo com Han nos ofereceria um olhar para esse princípio determinante e a necessidade de uma averiguação se a sua universidade visa ou não o favorecimento do sujeito racional porque, certamente, se as inclinações permeiam esse princípio universal, segundo o pensador alemão, ele deve ser revisto, reexaminado, reelaborado e reescrito, dado que a universalidade ocorre única e exclusivamente em prol da faculdade racional do indivíduo que os coloca sob um aspecto comum de igualdade.

Considerações finais

Percebemos, com isso, que a "sociedade da transparência" caminha cada dia mais para uma "minoridade" do indivíduo. Este por sua vez, incapaz de exercer a sua faculdade racional está sendo

nho", segundo Han, é um indivíduo que tende a produzir cada vez mais. Se antes havia uma instância que dominava o indivíduo agora, aparentemente livre, o indivíduo explora a si mesmo. Sobre isso ele nos diz: "a queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho" (HAN, 2010, p. 16). Ao dialogar com Kant, Han afirma ser a ética kantiana uma forma imunológica de se apresentar que, em diálogo com Hegel, sendo uma "ética da negatividade", possui o seu devido valor. A exaltação do discurso moral kantiano feita por ele permite-nos aqui fazer esse paralelo entre eles.

⁵⁸ Cf. HAN, 2010, p. 17, N.T. 13.

obrigado a negar ao outro e tornar-se senhor e escravo de si. O respeito, enquanto conceito que só possui sentido na relação de alteridade, dado que somente aí pode haver a sua manifestação, desaparece. A dignidade da pessoa humana, ratificada na terceira formulação do imperativo kantiano, dada a ausência da autonomia, desaparece. A igualdade, enquanto condição expressa pela liberdade do indivíduo, uma vez sendo negada na "sociedade do cansaço" leva à sua aparente forma que condiciona o homem em um "fetiche" de um "panóptico digital". É por isso que Han se posiciona na sociedade do capitalismo neoliberal de forma crítica e utiliza-se do aspecto dialógico para apresentar a sociedade moderna caracterizada por ele pela perda da negatividade, fator gerador de inúmeros problemas.

Vimos, inicialmente, o problema da exposição e as suas consequências na sociedade atual. A perda da esfera privada e a ausência de um espaço particular para a subjetividade do indivíduo, agora se transformam com a tese moderna de que tudo precisa ser exposto. As redes sociais são a prova que comprova a ideia de que, com o excesso da transparência, a sociedade da economia capitalista se aproveita da positividade com o objetivo de transformar tudo em um instrumento de consumo. O próprio corpo, que vira instrumento de consumo e de exposição gera, conforme o autor, o segundo problema do qual tratamos, o problema da pornografia. A sociedade atual é a sociedade que busca o melhor físico e a melhor aparência. Os indivíduos que não se inserem nesse "parâmetro social" moderno, como vimos, acabam se isolando. Como consequência dessa "violência neuronal" foram apontadas, segundo o autor, as principais doenças do século XXI dentre as quais destacamos a depressão e a Síndrome de Bournot. Por trás de todo esse esquema existe uma ausência de liberdade e autonomia, o que nos permitiu aqui, o diálogo com Kant.

O diálogo com o pensador alemão nos levou a compreender que os conceitos aqui abordados e discutidos necessitam estar livre de todas "as amarras", segundo sua expressão, ou da "coercitividade", em termos do pensador sul-coreano. Só

assim podem ajudar no retorno à negatividade e a um controle no excesso de transparência. A "sociedade do cansaço" precisa ter a consciência de estar cansada desse regime. É necessário buscar um novo ideal que alcance as noções de igualdade, respeito e dignidade à pessoa, termos fortes para Kant que estão em ausência no mundo atual e que, uma vez detectados por Han, nos permitiu aqui esse diálogo entre ambos os pensadores.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. Tradução de Iraci D. Poleti. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ARENDT, Hannah. *A condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: EDUSP, 1981.
- ARENDT, Hannah. *Trabalho, obra e ação*. In: *Hannah Arendt e a condição humana*. Salvador: Quarteto, 2006.
- BARTHES, Roland. *Die helle Kammer – Bemerkung zur Photographie* (A câmara clara – Nora sobre a fotografia). Frankfurt a. M., 1985. p. 23.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad.: Raquel Ramalhete. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais Rio de Janeiro: Naued, 2001.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- HAN, Byung-Chul. *Topologia da Violência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- HAN, Byung-Chul. *Agonia do Eros*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- HAN, Byung-Chul. *No Enxame*. Perspectivas do Digital. Petrópolis: Vozes, 2013.
- HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica*. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder. BH:Ed. Âyné, 2014.
- KANT, Immanuel. *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Edições 70, 2007.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Tradução de Artur Morão. São Paulo: Edições 70, 1970.
- KANT, Immanuel. *Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? In: Coral Usfm*. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/b47.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. (Livro I).

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mário Duayer e Nélso Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano demasiado humano: um livro para espíritos livres*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WALTER, Benjamin. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

WALTER, Benjamin. *Walter Benjamin, Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única*. Tradução de R. R. Torres Filho e J. C. M. Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WALTER, Benjamin. *Walter Benjamin, Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de J. C. M. Barbosa e H. A. Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Allyson Pereira de Almeida

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), em Seropédica, RJ, Brasil; bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), em Recife, PE, Brasil; membro do Grupo de Estudo e Pesquisa "Investigações sobre a Filosofia Kantiana e suas influências" (GEPFIKI/ CNPq) voltado à pesquisa intitulada por Kant e o idealismo alemão; professor substituto na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em Campina Grande, PB, Brasil.

Endereço para correspondência

Allyson Pereira de Almeida
Universidade Estadual da Paraíba
Rua Baraúnas, 351
Universitário, 58429-500
Campina Grande, PB, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.